



**Voto de Pesar**  
**Manuel Gusmão**

*“Tenhamos, entretanto, confiança.  
O que foi possível uma vez, na história, a irrupção do futuro, nas lutas do presente, será  
possível outra vez.”*  
*Manuel Gusmão*

Faleceu no passado no passado dia 9 de Novembro, Manuel Mendes Nobre de Gusmão, destacado poeta, ensaísta, tradutor e professor universitário catedrático português. Viveu no bairro das Furnas, na Freguesia de São Domingos de Benfica, até ao final da sua vida.

Com uma obra de grande vulto no panorama literário e académico, Manuel Gusmão é dos mais distintos intelectuais portugueses.

Manuel Gusmão nasceu em Évora, em 1945. Licenciado em Filologia Românica pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, com tese dedicada à poesia dramática de Fernando Pessoa, Manuel Gusmão realizou a sua tese de doutoramento sobre a Poética de Francis Ponge, em 1987, autor que o próprio traduziu para português, tendo sido professor da Faculdade de Letras de Lisboa. Poeta, ensaísta, tradutor, crítico literário, professor universitário, foi um dos maiores nomes da literatura e da cultura portuguesa dos séculos XX e XXI.

A sua obra poética e ensaística foi amplamente reconhecida e premiada, tendo recebido, entre outros, o Prémio PEN Clube Português para melhor obra de poesia, em 1997, com “Mapas, o assombro e as sombras”, e em 2009, com “A Terceira Mão”, bem como o de ensaio, com “Finisterra – o Trabalho do Fim: recitar a Origem”, o Grande Prémio de Poesia da Associação Portuguesa de Escritores e o Prémio de Poesia Luís Miguel Nava, com a obra “Teatros do tempo”, em 2001, o Prémio de Poesia António Gedeão, em 2014, pelo “Pequeno Tratado das Figuras”, o Grande Prémio de Ensaio Eduardo Prado Coelho, por “Tatuagem e Palimpsesto: da Poesia em Alguns Poetas e Poemas”, ou o Prémio Vergílio Ferreira, pelo conjunto da sua obra literária, em 2005.

O Grande Prémio de Ensaio, instituído em 2023 pela Associação Portuguesa de Escritores com o apoio da Câmara Municipal de Évora para galardoar anualmente uma obra de ensaio literário em português e de autor português, tem o nome de Manuel Gusmão e foi, recentemente, atribuído à escritora Maria Irene Ramalho.

A sua actividade como professor universitário, ensaísta e crítico literário enriqueceu o panorama dos Estudos Comparados e da Teoria da Literatura, tendo ministrado cursos e participando em conferências sobre cultura, literatura portuguesa ou literatura francesa nas mais diversas universidades como nas de Colónia, Lovaina, Bolonha, Paris III, Veneza, Autónoma de Barcelona ou na Universidade Federal e na Pontifícia Universidade Católica, no Rio de Janeiro. No percurso como ensaísta destacaram-se os seus trabalhos em torno da obra de Fernando Pessoa ou Carlos de Oliveira.



Foi redactor das revistas “O Tempo e o Modo”, “Letras e Artes”, “Crítica” e “Seara Nova” e fez parte do Conselho Editorial da Revista “Vértice”. Esteve na génese da das revistas *Ariane* (revue d’études littéraires françaises) e *Dedalus*, da Associação Portuguesa de Literatura Comparada. Dirigiu a revista Caderno Vermelho, do Sector Intelectual da Organização Regional de Lisboa do PCP, desde o seu primeiro número, em 1996.

O seu percurso profissional, literário e artístico cruzou-se, muitas vezes, com outros artistas ligados às mais diversas artes, para além da literatura, o cinema ou o teatro. Escreveu o libreto da ópera “Os dias levantados”, de António Pinho Vargas, comemorativa do 25º aniversário do 25 de Abril, em 1998.

Foi distinguido pelo Estado português com a Medalha de Mérito Cultural, em 2019. Referiu então que a distinção era um “reconhecimento” da sua “militância cultural”, que se funde com a sua “militância política”.

Da sua poesia, profundamente ligada à vida, ao povo de onde emanou, libertou-se a sua aspiração a uma outra vida, a uma outra sociedade, a um outro mundo. Esta inserção do mundo na sua obra poética é, simultaneamente, a afirmação na poesia de um compromisso de emancipação assumido desde muito jovem e a impossibilidade de desligar o homem e o militante por uma nova sociedade, do poeta e do criador.

O seu contributo enquanto intelectual para a sociedade em que viveu foi muito para lá da estrita criação artística. A dimensão histórica, filosófica e política do seu pensamento contribuiu indelevelmente para a interpretação do tempo em que vivemos e para a compreensão histórica do papel dos trabalhadores, dos explorados, dos oprimidos, para a construção do seu devir colectivo. Manuel Gusmão foi um intelectual comprometido com o seu povo e com o seu tempo, matérias que davam corpo ao seu pensamento e à sua obra.

Militante do PCP desde Maio de 1974, tinha ligação regular e directa com o Partido desde 1971. Participou na luta contra o regime fascista, apoiando tarefas do Partido, como receber em sua casa um funcionário clandestino do Partido, e desenvolvendo actividade junto dos professores na CDE.

Após o 25 de Abril a sua integração e intervenção partidária fez-se com grande intensidade: integrou o Secretariado da Célula dos Professores da Organização Regional de Lisboa do PCP e mais tarde o Secretariado de Artes e Letras, bem como a Direcção do Sector Intelectual.

Em 1975 foi eleito deputado à Assembleia Constituinte pelo círculo de Évora e à Assembleia da República entre 1976 e 1979. Foi membro do Secretariado do Grupo Parlamentar do PCP.

Manuel Gusmão foi ainda membro do Conselho da Comunicação Social.

Membro do Comité Central do PCP do IX ao XIX Congresso, foi membro da Direcção da Organização Regional de Lisboa. Era actualmente membro da Comissão Nacional da Cultura junto do CC.



Fez parte da Comissão Instaladora Provisória do Sindicato dos Professores, constituída em Maio de 1974, e da Comissão Directiva Provisória, eleita nesse ano. ´

Participou nas reuniões preparatórias do Manifesto em Defesa da Cultura, em 2011, no seu I Encontro Nacional de Coordenação, em 2013, e nas muitas acções e iniciativas do que viria a ser o Manifesto em Defesa da Cultura enquanto movimento para a acção política continuada pela instituição e construção de um Serviço Público de Cultura e pelo objectivo de 1% do PIB para a Cultura.

Manuel Gusmão foi um criador no campo da arte e da intervenção social e política. Teve, através desses dois caminhos nele convergentes, toda uma vida dedicada à cultura: à cultura dos que resistem e lutam, dos que sobrevivem e criam, dos explorados e dos humilhados. Homem, intelectual, militante do seu tempo, intervindo sempre, na poesia e na militância, para fazer um tempo novo. Intelectual de uma profunda cultura, construída e alicerçada no estudo e na estreita ligação com os trabalhadores e o povo português.

Manuel Gusmão diz-nos “Contra todas as evidências em contrário, a alegria”. Sabendo que a procurava sempre, e sempre com os seus camaradas e com os trabalhadores, porque “Nós somos a esperança que não fica à espera”.

**Assim, as eleitas do PCP propõem que a Assembleia de Freguesia de São Domingos de Benfica, na sua reunião de 19 de Dezembro de 2023, delibere:**

Manifestar o seu profundo pesar pelo falecimento de Manuel Gusmão, expressando à sua família e amigos as mais sentidas condolências.

Lisboa, 19 de Dezembro de 2023

As eleitas do PCP na Assembleia de Freguesia de São Domingos de Benfica

Helena Barros

Sónia Ribeiro